

Santificação Definitiva

John Murray

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Falar de santificação como definitiva pode parecer negar sua natureza progressiva e abrir a porta para a falácia pela qual a doutrina tem sido tão frequentemente distorcida. Mas o ensino bíblico não deve ser suprimido ou enfraquecido por causa de uma objeção que procede de um entendimento muito limitado do testemunho bíblico, nem pelo temor das distorções às quais a doutrina tem sido sujeita.

Quando Paulo se dirige aos crentes em Corinto como “santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos” (1 Coríntios 1:2) e mais tarde lembra-os que eles foram lavados, santificados e justificados (1 Coríntios 6:11), é óbvio que ele co-ordenou a santificação com o chamado eficaz, com a identidade deles como santos, com a regeneração e a justificação (cf. Atos 20:32; 26:18; 2 Timóteo 2:21; 1 Tessalonicenses 4:7; Hebreus 10:20, 29; 13:12). Seria um desvio dos padrões do pensamento bíblico pensar na santificação exclusivamente em termos de uma obra progressiva.

O que é essa santificação definitiva?

Há várias formas nas quais isso pode ser caracterizado. A ação específica e distinta de cada pessoa da Divindade no início do estado de salvação contribui para a mudança decisiva que essa santificação denota, e não somente contribui, mas também assegura a natureza decisiva da própria mudança. Mas talvez o aspecto mais significativo do ensino do Novo Testamento e o aspecto que requer ênfase particular é que um crente é alguém chamado pelo Pai para a comunhão do seu Filho (1 Coríntios 1:9). União com Cristo é o pivô sobre o qual a doutrina gira, especificamente a união com Ele no significado de Sua morte e o poder de Sua ressurreição. Quando Cristo morreu, Ele morreu pelo pecado de uma vez por todas (Romanos 6:10). E o crente, chamado para a união com Cristo, morreu com Cristo para o pecado. “Estamos mortos para o pecado” (Romanos 6:2, RC) é a resposta para todo o abuso licencioso da doutrina da graça. Se morremos com Cristo, devemos também viver com ele, “para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” (Romanos 6:4).

Nenhum dado é de maior importância básica do que a ruptura definitiva com o pecado e o comprometimento à santidade assegurada pela identificação com Cristo em Sua morte e ressurreição. E essa relação do crente com a morte e ressurreição de Cristo é introduzida pelo Apóstolo não com referência à justificação, mas à libertação do poder, poluição e amor do pecado. A ruptura

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Novembro/2006.

com o pecado e a novidade de vida são tão definitivos como foram a morte e a ressurreição de Cristo. Cristo em Sua morte e ressurreição aniquilou o poder do pecado, triunfou sobre o príncipe das trevas, executou julgamento sobre este mundo e por sua vitória libertou todos aqueles que estão unidos a Ele. Os crentes são participantes com Ele nessas realizações triunfais. A virtude que emana da morte e ressurreição de Cristo não afeta nenhuma fase da salvação tão diretamente quanto a da segurança da santificação definitiva. Se não confiarmos nisso, perdemos uma das características mais cardinais da provisão redentora (Cf. 2 Coríntios 5:14, Efésios 2:1-6; Colossenses 3:3,4; 1 Pedro 4:1,2; 1 João 3:6,9). Os crentes têm o fruto para a santidade.

Fonte: *Basic Christian Doctrines*, editado por Carl Henry.